

**Assistência de enfermagem à criança com autismo**

**Nursing care for children with autismo**

**Atención de enfermería para niños con autismo**

Recebido: 11/11/2020 | Revisado: 19/11/2020 | Aceito: 03/12/2020 | Publicado: 05/12/2020

**Anny Kelyne Araújo Nunes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8360-1087>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

[annykelynee@gmail.com](mailto:annykelynee@gmail.com)

**Francisco das Chagas Araújo Sousa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7244-9729>

Universidade Estadual do Piauí, Brasil

[franciscoaraujo@ccs.uespi.br](mailto:franciscoaraujo@ccs.uespi.br)

**Francisco Laurindo da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6837-4509>

Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

[flspb@yahoo.com.br](mailto:flspb@yahoo.com.br)

**Wenderson Costa da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6031-9775>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: [wendersoncosta09@hotmail.com](mailto:wendersoncosta09@hotmail.com)

**Lincon Fricks Hernandes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7642-3080>

Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, Brasil

E-mail: [fricksjr@hotmail.com](mailto:fricksjr@hotmail.com)

**Maria Gabrielle Sobral da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7493-3060>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: [mariagabrielle980@gmail.com](mailto:mariagabrielle980@gmail.com)

**Pedro Gabriel Sobral da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6948-8065>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: [bielpedro707@gmail.com](mailto:bielpedro707@gmail.com)

**Thalia Jeovana da Silva Pereira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0323-5318>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: [thaliajeovana96@gmail.com](mailto:thaliajeovana96@gmail.com)

**Lisianne Natália Santos Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2574-399X>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: [lisyaneathalia6@gmail.com](mailto:lisyaneathalia6@gmail.com)

**Eduardo Brito da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8571-7806>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: [eduzinhobds@gmail.com](mailto:eduzinhobds@gmail.com)

## **Resumo**

O Transtorno de Espectro Autismo (TEA) é a nomenclatura utilizada para englobar diferentes síndromes marcadas por característica comuns. Abordar crianças com TEA exige do profissional de saúde habilidades, conhecimento e estratégia de cuidado individualizado. O trabalho teve como objetivo descrever aspectos relacionados à assistência de enfermagem à criança com autismo. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão integrativa da literatura. Os artigos foram obtidos mediante a utilização dos seguintes bases de dados: PUBMED da National Library of Medicine, BVS (Biblioteca virtual da saúde), CINAHL (Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature) e Scielo (Scientific Electronic Library OnLine). Utilizou-se os estudos disponíveis em sua totalidade, publicados nos anos de 2015 até 2020, os idiomas português e inglês. Selecionou-se 12 artigos para a execução da pesquisa, todos versavam sobre intervenções primárias na detecção precoce do transtorno do espectro autista, como a atenção para sinais e sintomas comuns do transtorno, a ausência ou redução do contato visual, baixo interesse nas pessoas, movimentos estereotipados e dificuldade ou ausência da fala; até cuidados após o diagnóstico, os quais incluem estimular a criança em busca da autonomia por meio do processo de enfermagem e praticando a objetividade durante o cuidado e a comunicação com essa criança. Portanto, fatores ambientais e genéticos estão relacionados com a fisiopatologia do distúrbio, bem como os antipsicóticos, a medicina complementar alternativa são eficazes no controle das manifestações clínicas apresentadas pelo autista e os cuidados de enfermagem são fundamentais no acompanhamento do paciente.

**Palavras-chave:** Criança; Cuidados de enfermagem; Transtorno do espectro autista.

### **Abstract**

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a nomenclature used for different simian symbols marked by common characteristics. Approaching children with ASD requires professional health skills, knowledge and individualized care strategy. The work aimed to describe aspects related to nursing care for children with autism. This was an integrative literature review. The articles were used using the following databases: PubMed from the National Library of Medicine, VHL (Virtual Health Library), CINAHL (Cumulative Index of Literature in Nursing and Allied Health) and Scielo (Electronic Scientific Library On-Line). We use the studies available in full texts, published in the years 2015 to 2020, in Portuguese and English. 12 articles were selected to execute the research, all items about primary changes in the early detection of the autistic spectrum, such as attention to common signs and symptoms of disorder, an injury or reduced eye contact, low interest in people, stereotyped movements and difficulty or absence of speech; even care after diagnosis, what are the issues that encourage the child to research through the nursing process and to practice objectivity during care and communication with that child. Therefore, environmental and genetic factors are related to the pathophysiology of disorders, as well as antipsychotics, an alternative complementary medication, which is used to control the clinical manifestations used by professionals and nursing care is fundamental in patient monitoring.

**Keywords:** Child; Nursing care; Autistic spectrum disorder.

### **Resumen**

El trastorno del espectro autista (TEA) es la nomenclatura utilizada para abarcar diferentes síndromes marcados por características comunes. Abordar a los niños con TEA requiere que los profesionales de la salud tengan habilidades, conocimientos y una estrategia de atención individualizada. El trabajo tuvo como objetivo describir aspectos relacionados con el cuidado de enfermería para niños con autismo. Esta fue una revisión integradora de la literatura. Los artículos se obtuvieron utilizando las siguientes bases de datos: PubMed de la Biblioteca Nacional de Medicina, BVS (Virtual Health Library), CINAHL (Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature) y Scielo (Scientific Eletronic Library OnLine). Los estudios disponibles en su totalidad, publicados en los años 2015 a 2020, se utilizaron en portugués e inglés. Se seleccionaron 12 artículos para la realización de la investigación, todos los cuales versaron sobre intervenciones primarias en la detección precoz del trastorno del

espectro autista, como atención a los signos y síntomas comunes del trastorno, ausencia o reducción del contacto visual, escaso interés por las personas, movimientos estereotipado y dificultad o ausencia del habla; incluso el cuidado después del diagnóstico, que incluye estimular al niño en la búsqueda de autonomía a través del proceso de enfermería y practicar la objetividad durante el cuidado y la comunicación con este niño. Por tanto, los factores ambientales y genéticos están relacionados con la fisiopatología del trastorno, así como los antipsicóticos, la medicina alternativa complementaria son eficaces en el control de las manifestaciones clínicas que presenta el autista y el cuidado de enfermería es fundamental en el seguimiento del paciente.

**Palabras clave:** Niño; Atención de enfermería; Trastorno del espectro autista.

## 1. Introdução

O Transtorno de Espectro Autismo (TEA) é a nomenclatura utilizada para englobar diferentes síndromes marcadas por características comuns, entre elas, a Síndrome de Asperger, o Autismo e outros distúrbios do desenvolvimento não classificados pela Associação Americana de Psiquiatria (Zanola et al., 2015).

A Organização das Nações Unidas (ONU) supõe que existam mais de 70 milhões de autistas no mundo. No Brasil, acredita-se que existam um milhão de autistas, sendo 90% deles não diagnosticados. O TEA caracteriza-se pelo comprometimento do neurodesenvolvimento humano, que compromete as áreas de interação social, comunicação e comportamento, identificado geralmente, na criança pré-escolar (Pinto, 2016; Neves, Felix, Ribeiro, Fassarella & Da Silva, 2020). Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (2015) é um transtorno que mostra necessidade de ações específicas e precoces a fim de potencializar o desenvolvimento infantil, diminuir os sintomas e ampliar estratégias terapêuticas.

Nesse sentido, uma equipe multiprofissional deve assistir e acompanhar a criança desde o diagnóstico até a fase de desenvolvimento, observar e minimizar os sintomas, promover as relações sociais, a linguagem e a coordenação motora, bem como a família em cada situação vivida, observando a estrutura familiar, base desta criança (Silva, Lohmann, Da Costa, & Marchese, 2019).

Segundo Hopf, Madren e Santianni (2016) abordar crianças com TEA exige do profissional de saúde habilidades, conhecimento e estratégia de cuidado individualizado, visto que o manejo e as ações requerem desde uma intervenção farmacológica à atenção

multiprofissional que respeite e vise a integralidade da pessoa, ajustando-se, ainda, ao grau do transtorno.

Dessa maneira, no que diz respeito a equipe de Enfermagem no atendimento à criança com TEA, observa-se que as discussões acerca do autismo vêm crescendo de maneira significativa e, por isso, tanto os profissionais da enfermagem quanto os especialistas estão se familiarizando às nomenclaturas e/ou definições, permitindo assim uma assistência melhor (Oliveira, 2019).

Nascimento et al. (2018) expõem que os enfermeiros apresentam bastante dificuldade na detecção precoce de sinais e sintomas do TEA, tendo, como principal problema, o conhecimento limitado acerca do assunto. Esse conhecimento limitado advém da formação acadêmica deficitária e pouco investimento em educação permanente, contribuindo, assim, para a dificuldade de reconhecimento de crianças com autismo. Além disso, esses profissionais se deparam com as necessidades da criança e de seus familiares. Desse modo, a fim de não negligenciar ou responsabilizar outras categorias profissionais a preparação do enfermeiro torna-se indispensável.

Este trabalho teve como problema: Quais cuidados de enfermagem são essenciais durante a assistência à criança com Transtorno do Espectro Autismo?.

Assim, esta pesquisa justifica-se e tem relevância, pelo fato dela ter realizado uma coletânea mais abrangente sobre as condutas que são utilizadas na assistência de enfermagem à criança com autismo e que essas informações serão disponibilizadas à comunidade médica e científica. Ainda, espera-se que, com a realização deste estudo, as informações obtidas possam ser utilizadas como ferramenta auxiliadora no sentido de despertar nos responsáveis pela parte educativa, medidas de contenção para resolver ou melhorar a assistência dada às crianças com autismo.

A pesquisa teve como objetivo principal descrever aspectos relacionados à assistência de enfermagem à criança com autismo. E, como específicos, demonstrar aspectos relacionados à fisiopatologia de ocorrência do autismo em humanos; fornecer informações sobre as manifestações clínicas apresentadas pelas crianças acometidas; discorrer sobre as formas de tratamentos farmacológicos ou não utilizadas durante a assistência à criança com autismo e sumarizar condutas utilizadas pelo Enfermeiro na assistência à criança acometida por essa síndrome.

## 2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão integrativa da literatura. Esse tipo de estudo foi escolhido por possibilitar a síntese e análise do conhecimento científico já produzido sobre o tema “Assistência De Enfermagem À Criança Com Autismo”.

De acordo com Ercole, Melo e Alcoforado (2014), a revisão integrativa de literatura tem como finalidade organizar os resultados obtidos em pesquisas de maneira sistemática, ordenada e abrangente, mediante diferentes metodologias. Recebe o nome de integrativa pois fornece informações mais amplas sobre um assunto, constituindo um corpo de conhecimento e podendo ser direcionada para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos. Este método proporciona a combinação de dados da literatura teórica e empírica, proporcionando maior compreensão do tema de interesse. Sua elaboração está estruturada em seis etapas distintas.

Foi utilizada a estratégia PICO que representa um acrônimo para Paciente, Intervenção, Comparação e “Outcomes” (desfecho), para a elaboração da questão norteadora da pesquisa, a qual facilitou a busca nas bases de dados com o uso de palavras-chave. A questão de pesquisa delimitada foi: “Quais cuidados de enfermagem são essenciais durante a assistência à criança com transtorno do espectro autismo?”.

Para a localização dos estudos relevantes que respondessem à pergunta da pesquisa, utilizou-se de descritores indexados e não indexados (palavras-chave) nos idiomas português e inglês. Os descritores foram obtidos a partir do *Medical Subject Headings* (MESH), dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS).

Os descritores controlados selecionados no DeCS da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e MeSH foram: *children autism, nursing, child e care* (idioma inglês). Os descritores não controlados (palavras-chave) delimitados foram *autist e nursing care* (idioma inglês) (Quadro 01).

A população do estudo foi composta por toda a literatura relacionada ao tema de estudo, indexada nos bancos de dados: *National Library of Medicine* (PubMed), Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME), *Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature* (CINAHL) e *Scientific Electronic Library OnLine* (SciELO).

**Quadro 1.** Elementos da estratégia PICO, descritores e palavras-chave utilizados. Caxias, MA, Brasil, 2020.

Elementos	Mesh	Decs	SciElo	Palavras-chave
<b>P</b>	“Crianças”	“Children” “Child”	“Children”	“Children” “Crianças”
<b>I</b>	“Cuidados de enfermagem”	“Nurse” “Nursing Care”	“Nursing”	“Nursing Care” “Cuidados de Enfermagem”
<b>C</b>	-	-	-	-
<b>O</b>	“Autismo”	“Autism” “Autistic Disorder”	“Autism”	“Autism” “Autismo”

Fonte: Dados da pesquisa, (2020).

O elemento C da estratégia PICO não foi abordado nesta pesquisa pois esta não teve por objetivo comparar intervenções.

Como critérios de inclusão utilizou-se estudos disponíveis em sua totalidade, publicados nos últimos cinco anos, de 2015 até 2020, nos idiomas Português e Inglês. Foram excluídos da busca inicial capítulos de livros, resumos, textos incompletos, teses, dissertações, monografias, relatos técnicos e outras formas de publicação que não artigos científicos completos.

A análise para seleção dos estudos foi feita a partir dos critérios de inclusão e exclusão e de acordo com a estratégia de funcionamento e busca de cada base de dados.

Encontrou-se 205 (duzentos e cinco) estudos como busca geral na BVS, sendo que limitando a busca para artigos com texto completo realizado com humanos nos últimos cinco anos, obteve-se 25 (vinte e cinco estudos), destes, foram analisados títulos e resumos, em que apenas 01 (um) estudo fora condizente com o objeto desta pesquisa.

Na base PUBMED, como busca total, foram encontrados 210 (duzentos e dez) estudos, aplicando na pesquisa o filtro que limita por texto completo dos últimos 05 (cinco) anos com humanos, reduziu-se para 51 (cinquenta e um) estudos, destes foram analisados títulos e resumos e teve como resultado final 04 (quatro) estudos.

Na base CINAHL, como busca total foram encontrados oito (08) estudos, aplicando na pesquisa o filtro que limita por texto completo dos últimos cinco anos com humanos, 03 (três)

estudos, destes foram analisados títulos e resumos e teve como resultado final de (01) um estudo.

Na base SciELO, como busca total, foram encontrados 07 (sete) estudos, aplicando na pesquisa o filtro que limita por texto completo dos últimos cinco anos com humanos, também se encontraram 07 (sete) estudos, destes, foram analisados títulos e resumos, e teve como resultado final de 06 (seis) estudos.

Para a confecção dos resultados foram utilizados artigos das bases de dados BIREME, PUBMED, CINAHL e SciELO, que totalizou 12 (doze) artigos com ano de publicação entre 2015 a 2020.

Quanto a análise e interpretação dos resultados, foram analisadas as informações coletadas nos artigos científicos e criadas categorias analíticas que facilitaram a ordenação e a sumarização de cada estudo. Essa categorização foi realizada de forma descritiva, indicando os dados mais relevantes para o estudo.

A pesquisa levou em consideração os aspectos éticos quanto às citações dos estudos, respeitando a autoria das ideias, os conceitos e as definições presentes nos artigos incluídos na revisão.

Optou-se pela análise em forma estatística e de forma de texto, utilizando-se cálculos matemáticos e inferências, que foram apresentados em quadros e tabelas para facilitar a visualização e compreensão. As evidências científicas foram classificadas segundo os níveis e graus de recomendação propostos por Bork (2011).

### **3. Resultados**

Dos doze artigos incluídos nesta revisão, 8 (oito) estavam na língua inglesa (66,6%) e 4 (quatro) na língua Portuguesa (33,3%). A maioria das publicações foram concentradas no ano de 2016 (50%) com abordagem qualitativa (91,6%); O nível de evidência predominante foi 3 (estudo de coorte) e 100% obtiveram grau de recomendação “A”; O EUA foi o país com mais estudos incluídos (50%) (Tabela 01).



**Tabela 1.** Análise descritivas das produções científicas. Caxias, MA, Brasil, 2020. (n=12).

VARIÁVEIS	N	%
<b>Abordagem do estudo</b>		
Quantitativo	1	8,33%
Qualitativo	11	91,66%
<b>Delineamento da pesquisa</b>		
Revisão Sistemática	2	16,66%
Estudo de Ensaio clínico randomizado	2	16,66%
Estudo de coorte	8	66,6%
<b>Idioma</b>		
Inglês	8	66,6%
Português	4	33,3%
<b>Nível de evidência</b>		
Um	2	16,66%
Dois	2	16,66%
Três	8	66,6%
<b>Grau de Recomendação</b>		
A	12	100%
<b>Procedência</b>		
Reino Unido	1	8,3%
Brasil	5	41,6%
EUA	6	50,1%
<b>Distribuição temporal</b>		
2019	01	10%
2018	03	20%
2017	03	10%
2016	04	50%
2013	01	10%

Fonte: Dados da pesquisa, (2020).

Disposto no Quadro 2, estão a quantidade de artigos utilizados para o estudo, totalizando 12 (doze). Encontra-se as bases de dados que foi encontrado cada artigo, os respectivos autores, ano, objetivo, metodologia e resultados. A prevalência dos estudos abordava as formas de assistir as crianças com autismo.

**Quadro 2.** Relação dos artigos que compõem a amostra da Revisão Integrativa. Caxias, MA, 2015-2020.

nº	Base de dados	Autor/ano	Objetivos	Resultados
1	CINAHL	Bekhet (2015)	Determinar se sintomas depressivos, cognições positivas, desenvoltura e bem-estar diferirão significativamente entre aqueles que classificaram sua saúde como justa, boa ou excelente.	Intervenções para melhorar as cognições positivas, a desenvoltura e o bem-estar são essenciais e devem fazer parte do cuidado de enfermagem a familiares de crianças autistas.
2	SciELO	Rodrigues et al. (2017)	Aplicar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar a Social Stories como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do autocuidado pela criança com Transtorno do Espectro Autista.	O processo de enfermagem e a ferramenta de aprendizagem chamada de Social Stories para estimular o autocuidado da criança autista, foi eficaz e de ganhos importantes para o desenvolvimento da criança.
3	SciELO	Mapelli et al. (2018)	Conhecer a experiência da família no cuidado da criança com Transtorno do Espectro Autista e discutir possibilidades de cuidado em saúde.	O acompanhamento de crescimento e desenvolvimento para melhorar o diagnóstico do TEA, a fim de que a emissão de seus pareceres sobre a situação contribua para o melhor processo terapêutico, o que certamente gerará maior segurança das famílias.
4	PUBMED	Halpin (2016)	Relatar sobre a perspectiva de enfermeiros especialistas em equipes pediátricas e comunitárias, do seu papel em relação ao atendimento a crianças autistas em idade escolar, no Reino Unido.	A utilização de práticas de cuidado de enfermagem holístico, trabalhando a ampla gama de conhecimentos clínicos para a construção de uma relação respeitosa com os envolvidos, capacitando a família e advogando por ele quando necessário, são importantes e tem impacto positivo nas famílias.
5	BIREME	Nascimento, Castro, Lima, Albuquerque e Bezerra (2018)	Identificar a atuação do enfermeiro da Estratégia Saúde da Família na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças.	Identificar sinais durante a avaliação de crescimento e desenvolvimento das crianças que acompanham; ouvir os discursos da mãe como estratégia para melhoria do cuidado; e solicitar avaliação de outros profissionais reconhecendo a necessidade de ampliar o cuidado.
6	PUBMED	Hopf, et al. (2016)	Melhorar a compreensão da frequência de uso de CAM em crianças com autismo e quantificar a eficácia percebida pelos pais de várias terapias de CAM na mitigação dos problemas de saúde e funcionamento associados ao autismo.	Sugere o uso de CAM a criança com autismo, pois são consideradas eficazes na melhoria da saúde ou no funcionamento das crianças estudadas.

7	SciElo	Pinto et al. (2016)	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares	Compreender que o enfermeiro saiba a importância de implementar estratégias de aceitação.
8	SciElo	Franzoi, Santos, Backes e Ramos (2016)	Relatar a experiência da aplicação da música como tecnologia de cuidado a estas crianças em um Centro de Atenção Psicossocial Infante-juvenil	Os profissionais de enfermagem devem aprofundar e desenvolver conhecimentos específicos sobre métodos e estratégias do uso da música terapêutica em saúde mental com o objetivo de ampliar a sua utilização no cuidado às crianças.
9	SciElo	Magalhães, Lima, Silva, Rodrigues e Gomes (2020)	Analisar as evidências científicas sobre a assistência de Enfermagem à criança autista.	É fundamental à enfermagem ter empatia, visão holística e conhecimento para realizar assistência singular e de qualidade para a criança e família.
10	PUBMED	Lamy e Erickson (2018)	Revisar a literatura atual sobre o uso de medicamentos para tratar condições co-ocorrentes em crianças e adolescentes com TEA.	A pesquisa sobre gerenciamento farmacológico de sintomas relacionados ao autismo é limitada pois utilizam metodologias menos rigorosas, incluindo <u>ensaios abertos</u> com amostras pequenas e populações heterogêneas de pacientes em todo o <u>espectro do autismo</u>
11	PUBMED	Posar e Visconti (2017)	Discutir os resultados dos estudos mais recentes e relevantes sobre os fatores ambientais hipoteticamente envolvidos na etiopatogenia dos TEAs	Os possíveis mecanismos patogênicos por meio dos quais os fatores ambientais podem causar TEA em indivíduos geneticamente predispostos foram resumidos, com ênfase especial no papel cada vez mais importante da epigenética.
12	SciElo	Griesi-Oliveira e Sertie (2017)	Descrever um guia atualizado de aconselhamento genético.	A rápida evolução do conhecimento relacionadas ao autismo contribuirá para o desenvolvimento de técnicas diagnósticas mais precisas e, para terapias baseadas em evidências genéticas, tornando a investigação da etiologia genética do TEA em crianças ainda mais importante.

Fonte: Dados da pesquisa, (2020).

### **Análise das principais práticas de cuidado do enfermeiro à criança com autismo**

No Quadro 3, há a relação das principais práticas de cuidado do enfermeiro destacadas pelos autores, no qual somente 02 (dois) dos estudos analisados não apresentaram a prática de cuidado do enfermeiro à criança com autismo, sendo eles o estudo dos autores Griesi-Oliveira e Sertie (2017) e Posar e Visconti (2017).

**Quadro 3.** Relação das principais práticas de cuidado do enfermeiro destacadas pelos autores.

<b>AUTORES</b>	<b>PRÁTICAS DE CUIDADO</b>
<b>Bekhet, 2015</b>	- Inclusão da saúde dos pais no cuidado: prestando atenção nas suas queixas e principais dificuldades.
<b>Rodrigues et al. (2017)</b>	- Elencar diagnósticos e principais necessidades da criança; - Dividir atividades de autocuidado em etapas para melhor entendimento, utilizando imagens que exemplifiquem o que deve ser realizado em cada etapa (utilização da Social Stories); - Inserção da família no cuidado da criança.
<b>Halpin (2016)</b>	- Prestar assistência à família, desconstruindo rótulos – fazendo com que enxerguem a criança além do transtorno; - Considerar e valorizar a opinião da família com relação às intervenções e ao cuidado prestado à criança.
<b>Mapelli et al. (2018)</b>	- Inserção da intervenção musical nos atendimentos, incluindo danças de roda, (re)criação e composição musical e jogos de completar frases musicais.
<b>Franzoi et al. (2016)</b>	- Propõe o uso da música na assistência como guia ou recurso facilitador de contato entre o profissional e o paciente.
<b>Nascimento et al. (2018)</b>	- Prestar assistência à família, realizar consulta de enfermagem no infante de forma periódica, avaliar e acompanhar o crescimento e desenvolvimento das menores de dois anos, a fim de planejar estratégias de atuação de acordo com as necessidades encontradas. - Avaliar e verificar sinais apresentados pela criança juntamente com outros profissionais. - Intervir, realizando psicoeducação familiar, aconselhamento para professores, reabilitação na comunidade, apoio aos cuidadores, ações de promoção e proteção dos direitos humanos da criança e de sua família, acompanhamento nos retornos regulares e nos critérios para encaminhamentos a outros serviços - Estimular ações de educação permanente nos serviços voltados para sinais, sintomas e intervenções de crianças com TEA.
<b>Pinto et al. (2016)</b>	- Ampliar as informações para além da patologia - Estabelecer uma relação dialógica adequada com o paciente e a família sobre a síndrome.
<b>Hopf, Madren e Santianni (2016)</b>	- Uso das terapias de CAM foram consideradas eficazes para ajudar a aliviar alguns dos desafios de saúde associados ao autismo.
<b>Magalhães et al. (2019)</b>	- A enfermagem utiliza a empatia, visão holística e diferentes estratégias para o cuidado a criança autista, no entanto os profissionais referem dificuldades na prática clínica.
<b>Lamy e Erickson (2018)</b>	- Monitorar os pacientes, incluindo medidas básicas de peso, altura, circunferência, SSVV - Reavaliar as medidas básicas a toda consulta

Fonte: Dados da pesquisa, (2020).

Nos demais estudos, Becket (2015), Rodrigues et al. (2016), Halpin (2016) e Nascimento et al. (2018), destacam que a inclusão da saúde dos pais no cuidado à criança favorece o seu desenvolvimento.

Mapelli (2018), Pinto et al. (2016), Magalhães et al. (2019), Lamy e Erickson (2018), revelam que a enfermagem utiliza de uma visão holística e que medidas básicas de Índice de Massa Corpórea (IMC) e Sinais Vitais (SSVV), além da musicoterapia auxilia no crescimento e desenvolvimento da criança, melhorando, assim, a sintomatologia por elas apresentadas advindo do transtorno.

### **Análise das manifestações clínicas**

Com relação das manifestações clínicas destacadas pelos autores, no qual a sintomatologia que mais se repete nos estudos são o déficit de comunicação, déficit de interação social e comportamento restrito/repetitivo (Beket, 2015; Halpin, 2016; Franzoi et al., 2016; Pinto et al., 2016; Hopf et al., 2016; Rodrigues et al., 2017; Posar & Visconti, 2017; Griesi-Oliveira; Sertie, 2017; Mapelli, 2018; Nascimento et al., 2018; Hopf, Lamy, & Erickson, 2018; Magalhães et al., 2019).

Além dessa sintomatologia, que mais se repete nos estudos, Bekhet (2015), Pinto et al. (2016) e Nascimento et al. (2018), revelam a presença de agressividade apresentada pelas crianças. Outro sintoma apresentado, são as respostas incomuns a ruídos ou toque (Hopf et al., 2016; Nascimento et al., 2018).

### **Análise sobre as formas de tratamento farmacológicos ou não utilizadas na assistência à criança com autismo**

Dentre os achados, somente 06 (seis) dos estudos discorrem sobre o tratamento à criança com autismo. Hopf et al. (2016), Mapelli et al. (2018), Lamy e Erickson (2018), apontaram o uso de terapia comportamental, ademais revelaram sobre o uso de musicoterapia, bem como Franzoi et al. (2016) e Magalhães et al. (2018). Somente Nascimento et al. (2018) retratam sobre psicoeducação familiar. Sobre a terapia medicamentosa, Lamy e Erickson (2018) e Mapelli et al. (2018) apontaram sobre o uso de Risperidona e Aripripazol.

### **Análise da fisiopatologia do autismo**

Os estudos incluídos nesta revisão, destacaram que a etiopatologia relacionada ao aparecimento do TEA, está ligado a genética e a fatores ambientais. Somente dois estudos

revelaram a fisiopatologia, entre eles estão Griesi-Oliveira e Sertie (2017) e Posar e Visconti (2017).

O uso de determinados medicamentos, não citados pelo autor, é um fator relacionado ao autismo, bem como a hereditariedade, conforme Griesi-Oliveira e Sertie (2017). Posar e Visconti (2017) também apresentam fatores genéticos e ambientais, destacando o contato com poluentes atmosféricos principalmente metais pesados, pesticidas, entre outros como resultados ligados a fisiopatologia da síndrome.

#### **4. Discussão**

Bortone e Wingester (2016) discorrem que a assistência de Enfermagem na APS, durante a realização da consulta do Crescimento e Desenvolvimento Infantil, deve ser empregada, principalmente, para a identificação das alterações apresentadas pela criança. Bem como Mapelli et al. (2018) e Nascimento et al. (2018) que defendem a importância do acompanhamento do crescimento e desenvolvimento a fim de melhorar o diagnóstico da criança com TEA, o que acarreta melhorias nos pareceres sobre a situação de modo a contribuir para o processo terapêutico eficaz.

Sena, Reinalde, Silva e Sobreira (2015) corroboram com os autores Mapelli et al. (2018) e Nascimento et al. (2018) destacando que o profissional enfermeiro pode colaborar de forma positiva para o diagnóstico e acompanhamento do TEA, através de observações comportamentais de crianças, mediante a consulta para analisar o crescimento e o desenvolvimento, como, também, podem auxiliar os progenitores dando apoio e os informando quanto aos desafios e procedimentos assistenciais que os mesmos utilizarão no processo de cuidar da criança com autismo.

Na assistência de enfermagem à criança com TEA, deve estar inserido no plano terapêutico, a construção de sua autonomia e autocuidado perante toda sua vida. Nesse contexto, diante das dificuldades de autocuidado encontradas pela criança autista, através dos resultados encontrados na análise dos artigos selecionados, observou-se respostas positivas no estudo de Rodrigues et al. (2017) com a utilização da teoria do autocuidado de Dorothea Orem associada à Social Stories para o estímulo do autocuidado às crianças com TEA.

Oliveira (2019) relata que através da estimulação do autocuidado na criança com TEA, pode-se diminuir os problemas relacionados a interação e comunicação identificados nesse

transtorno, também interferindo de forma efetiva e positiva em todo o desenvolvimento da criança com autismo.

Referente à Teoria dos Sistemas de Enfermagem de Orem, constatou-se que a criança do estudo 2 só tinha capacidade de realizar suas atividades com o auxílio de seus pais, enquadrando-se no sistema de enfermagem parcialmente compensatório, com isto o sistema de enfermagem escolhido para intervenção associada a Social Stories foi o de apoio-educação, que é um sistema que supre as demandas do autocuidado, em que o enfermeiro auxilia a pessoa a se tornar agente do seu autocuidado (Rodrigues et al., 2017).

Bekhet (2015), Halpin (2016) e Rodrigues et al. (2017) comentam sobre o papel importante da família no cuidado à criança com autismo e o quanto os pais podem e devem ser inclusos no cuidado, bem como serem apoiados também, considerando que é na família que se encontra os principais cuidadores dessa criança.

Halpin (2016) e Bekhet (2015), destacam, ainda, que os enfermeiros, como colaboradores, são imprescindíveis no incentivo aos pais com relação à criação de estratégias de enfrentamento como a resiliência, a cognição positiva e formas de aumentar o bem-estar, de modo a que eles possam experimentar uma melhor saúde e, assim, sentirem-se mais capazes para lidar com os desafios de cuidar de uma criança com TEA.

Hopf et al. (2016) defendem a eficácia do uso das terapias de CAM no tratamento do TEA, bem como relatada como eficaz por ser consistente no tratamento e ser de maior prevalência na escolha de tratamento devido à ausência de efeitos adversos.

A intervenção musical consiste no uso da música por profissionais da área da saúde em geral como recurso terapêutico para várias condições do paciente, e contribui no fortalecimento de vínculos, facilita a comunicação da criança com sua família, bem como com a equipe de saúde, propiciando um cuidado de forma integral e humanizado (Franzoi et al., 2016). Tal constatação é reforçada por Nobrega e Sousa (2013) que afirmam que na Enfermagem a música é utilizada como intervenção complementar para alívio da dor e outros diagnósticos como, por exemplo, no risco para solidão, no isolamento social e no alívio do estresse.

Franzoi et al. (2016) também trouxe a possibilidade de que em determinadas situações, dependendo das condições em que a intervenção é aplicada, a intervenção musical pode se apresentar como um elemento iatrogênico, como observados pelos autores, quando durante as intervenções algumas crianças tapavam os ouvidos com as mãos e faziam expressões faciais de incômodo com os sons e vibrações (Rodrigues et al., 2017).

Sobre o cuidado com a criança com autismo os autores Magalhães et al. (2019) e Halpin (2016), afirmam que é fundamental a utilização da visão holística pelo enfermeiro, de modo a garantir uma assistência singular a esses pacientes. Ainda afirmam Barbosa e Nunes (2017) que o cuidar em enfermagem deve considerar cada criança autista única nas suas mais variadas vertentes e, também, ponderar as peculiaridades da criança, sendo atribuição do enfermeiro prestar esclarecimentos à família, assim como estar atento às considerações da família quanto ao desenvolvimento do mesmo, criando, assim, vínculo e interação, a fim de atingir maior eficácia no tratamento e garantir maior segurança aos pais e à criança.

Corroborando com 11 (onze) dos 12 (doze) estudos em análise, Adams et al. (2016) afirmam que a criança com autismo apresenta uma tríade singular, caracterizando pela dificuldade e prejuízos qualitativos da comunicação verbal, na interatividade social e na restrição do seu ciclo de atividades e interesses. Ademais, afirmam que neste tipo de transtorno, também fazem parte da sintomatologia movimentos estereotipados e maneirismos, assim como padrão de inteligência variável e temperamento extremamente lábil.

Juntamente com Nascimento et al. (2018), Pinto et al. (2016) e Becket (2015), os sintomas associados podem ser observados no transtorno do espectro autista, incluindo, entre outros, irritabilidade, hiperatividade, comportamentos agressivos (Lai, Lombardo, Auyeung, Chakrabarti, & Baron-Cohen, 2016).

Entre os medicamentos mais estudados para criança com TEA, estão os antipsicóticos e, geralmente, são utilizados para a redução de irritabilidade e agressão. (Lamy & Erickson, 2018). Dentre os antipsicóticos, em concordância, os autores Defilippis; Wagner (2016) citam a risperidona e o aripiprazol como fármacos que constatarem melhoria significativa no comportamento, nas áreas de comunicação e atividades de vida diária e socialização. Ainda Mapelli et al. (2018) e Hopf et al. (2016), fazem menção ao uso de terapias comportamentais e uso da Medicina Complementar Alternativa, como escolha de tratamento também eficaz na assistência à criança com autismo.

No que diz respeito à fisiopatologia, os autores consideram o autismo com uma etiopatogenia multifatorial e heterogênea, advinda da interação entre fatores genéticos e ambientais. Quanto aos fatores genéticos, pode-se apresentar vários padrões distintos, sendo a maior manifestação em homens e relacionados a defeito genético, sendo explicada por essa mutação em várias regiões diferentes e cromossomos diferentes. Dessa forma, a explicação da causa que explica essas correlações entre a pré-mutação e o TEA, ainda são inconclusas (Balbuena, 2015; Oviedo, Manuel-Apolinar, Chesnaye, & Guerra-Araiza, 2015; Posar & Visconti, 2017; Griesi-Oliveira & Sertir, 2017).



## 5. Conclusão

Quanto à fisiopatologia do TEA, nota-se que há ligação com os fatores ambientais e genéticos na ocorrência do autismo, além da necessidade de estudos que falem mais sobre a origem desse transtorno, tendo em vista a dificuldade de aporte teórico que explique melhor a origem e a ligação do autismo com a genética e os fatores ambientais.

As manifestações clínicas apresentadas pela criança com autismo são déficit de comunicação, déficit de interação social, comportamento restritivo e/ou repetitivo, agressividade, resposta incomum a ruídos e/ou toque, irritabilidade, hiperatividade, padrão de inteligência variável, movimento estereotipados, restrição no seu ciclo de atividades, baixo interesse por atividades e temperamento extremamente hábil.

Entre as ações terapêuticas, estão os antipsicóticos e medicina complementar alternativa. Entre os antipsicóticos, que servem para a redução de irritabilidade, agressão, melhora nos comportamentos, nas áreas de atividades de vida diária e socialização, encontram-se o haloperidol, risperidona, aripiprazol. Quanto à medicina complementar alternativa, encontram-se a acupuntura e musicoterapia.

A partir da avaliação sobre as práticas de cuidados realizados pelo enfermeiro à criança autista, foi identificado dificuldade de encontrar estudos que comentassem as maneiras de como o enfermeiro deve cumprir com seu papel, através de práticas e intervenções viáveis com relação à assistência prestada à criança. Sabendo do impacto que essas práticas podem trazer para vida da criança com autismo, faz-se necessário o aumento de pesquisas nesse campo, buscando maior valorização para o importante trabalho do enfermeiro e maiores chances de que essas crianças alcancem o seu potencial de desenvolvimento, por meio de estímulo e acompanhamento adequados.

É notório as intervenções existentes acerca de como tratar um paciente com autismo, porém pouco se discute a realização dessas intervenções pelos enfermeiros. Existe uma carência na implementação de ações direcionadas à educação continuada, uma vez que os profissionais de saúde necessitam expandir o olhar para todas as condições e barreiras que permeiam a vida dos pacientes, seja elas pessoais, mentais e emocionais, proporcionando um maior contato com o paciente e sua família.

Espera-se que com a realização deste estudo, as informações obtidas possam ser utilizadas como ferramenta auxiliadora no sentido de despertar nos responsáveis pela assistência, a criação de um protocolo de cuidado à criança com esse transtorno, apresentando os inúmeros meios de intervenção e tratamento, seja ele farmacológico ou não. Além disso,

apontar a necessidade de especialização dos profissionais de modo a capacitar e instruir quanto a assistência à uma criança com autismo.

## Referências

Adams, C., Lockton, E., Freed, J., Gaile, J., Earl, G., Mcbean, K., & Law, J. (2016). The social communication intervention project: a randomized controlled trial of the effectiveness of speech and language therapy for school-age children who have pragmatic and social communication problems with or without autism spectrum disorder. *J Lang Commun Disord*, 47(3), 233-244.

Associação Americana de Psiquiatria. (2015). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Washington, DC: Associação Americana de Psiquiatria.

Balbuena R, F. (2015). Etiología del autismo: el continuo idiopático-sindrómico como tentativa explicativa. *Revista chilena de neuro-psiquiatria*, 53(4), 269-276.

Barbosa, P. A. S., & Nunes, C. R. (2017). Relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. *Revista Científica Interdisciplinar*, 2(2), 100-196.

Bekhet, A. K. (2015). Self-assessed health in caregivers of persons with autism spectrum disorder: associations with depressive symptoms, positive cognitions, resourcefulness, and well-being. *Rev. Perspect Psychiatr Care*, 50, 210-217.

Bork, A. M. T. (2011). *Enfermagem baseada em evidências*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Bortone, A. R., & Wingester, E. L. C. (2016). Identificação do Espectro do Transtorno Autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de Enfermagem. *Revista Digital FAPAM*, 7(7), 131-148.

Botelho, L. L., Cunha, C. C. A., & Macedo, M. (2011). O Método da Revisão Integrativa nos estudos Organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 5(11), 121-136.

Defilippis, M., & Wagner, K. D. (2016). Tratamento do Transtorno do Espectro do Autismo em Crianças e Adolescentes. *Psychopharmacol Bull*, 46(2), 18–41.

Ercole, F. F., Melo, L. S., & Alcoforado, C. L. G. (2014). Integrative review versus systematic review. *Revista Mineira de Enfermagem*, 18(1), 1-2.

Franzoi, M. A. H., Santos, J. L. G., Backes, V. M. S., & Ramos, F. R. S. (2016). Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. *Texto contexto - enferm.*, 25(1), e1020015.

Griesi-Oliveira, K., & Sertie, A. L. (2017). Distúrbios do espectro do autismo: um guia atualizado para aconselhamento genético. *Einstein (São Paulo)*, 15(2), 233-238.

Halpin, J. (2016). What do nurses think they are doing in pre-school autism assessment. *Br J Nurs, Londres*, 25(6), 219-223.

Hopf, K. P., Madren, E., & Santianni, K. A. (2016). Use and Perceived Effectiveness of Complementary and Alternative Medicine to Treat and Manage the Symptoms of Autism in Children: A Survey of Parents in a Community Population. *J Altern Complement Med*, 22(1), 25-32.

Lamy, M., & Erickson, C. A. (2018). Pharmacological management of behavioral disturbances in children and adolescents with autism spectrum disorders. *Curr Probl Pediatr Adolesc Health Care*, 48(10), 250-264.

Lai, M.-C., Lombardo, M. V., Auyeung, B., Chakrabarti, B., & Baron-Cohen, S. (2015). Sex/gender differences and autism: setting the scene for future research. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*, 54(1), 11-24.

Mapelli, L. D., Barbieri, M. C., Castro, G. V. D. Z. B., Bonelli, M. A., Wernet, M., & Dupas, G. (2018). Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. *Escola Anna Nery*, 22(4), e20180116.

Magalhães, J. M., Lima, F. S. V., Silva, F. R. O., Rodrigues, A. B. M., & Gomes, A. V. (2020). Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. *Enfermería Global*, 19(58), 531-559.

Nascimento, Y. C. M. L., Castro, C. S. C., Lima, J. L. R., Albuquerque, M.C.S., Bezerra, D. G. (2018). Transtorno do Espectro Autista: Detecção Precoce pelo Enfermeiro na estratégia saúde da família. *Rev baiana enferm*, 32, 1-12.

Neves, K. C., Felix, D. P. S., Ribeiro, W. A., Fassarella, B. P. A., & Da Silva, A. A. (2020). Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem. *Research, Society and Development*, 9(8), e941986742.

Oliveira, A. C. A. (2019). Equipe de Enfermagem frente à Hospitalização de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. *Universidade de Brasília*, 33, 1-11.

Oviedo, N., Manuel-Apolinar, L., Chesnaye, E., & Guerra-Araiza, C. (2015). Aspectos genéticos y neuroendocrinos en el trastorno del espectro autista. *Boletín médico del Hospital Infantil de México*, 72(1), 5-14.

Pinto, R. N. M., Torquato, I. M. B., Collet, N., Reichert, A. P. S., Souza Neto, V. L., & Saraiva, A. M. (2016). Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(3), e61572.

Posar, A., Visconti, P. (2017). Autismo em 2016: necessidade de respostas. *Jornal de Pediatria*, 93(2), 111-119.

Rodrigues, P. M. S., Albuquerque, M. C. S., Brêda, M. Z., Bittencourt, I. G. S., Melo, G. B., & Leite, A. A. (2017). Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. *Escola Anna Nery*, 21(1), e20170022.

Sena, R. C. F., Reinalde, E. M., Silva, G. W. S., Sobreira, M. V. S. (2015). Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 7(3), 2707-2716.

Silva, S. A., Lohmann, P. M., Da Costa, A. E. K., Marchese, C. (2019). Conhecimento da equipe interprofissional acerca do autismo infantil. *Research, Society and Development*, 8(9), e07891250.

Zanolla, T. A., Fock, R. A., Perrone, E., Garcia, A. C., Perez, A. B. A., & Brunoni, D. (2015). Causas Genéticas, Epigenéticas e Ambientais do Transtorno do Espectro Autista. *Universidade Presbiteriana Mackenzie*, 15(2), 29-42.

### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Anny Kelyne Araújo Nunes – 10%

Francisco das Chagas Araújo Sousa – 10%

Francisco Laurindo da Silva – 10%

Wenderson Costa da Silva – 10%

Lincon Fricks Hernandes – 10%

Maria Gabrielle Sobral da Silva – 10%

Pedro Gabriel Sobral da Silva – 10%

Thalia Jeovana da Silva Pereira – 10%

Lisianne Natália Santos Silva – 10%

Eduardo Brito da Silva – 10%